



É um cuidar que ganha em se perder

Paulo Faria

DOI: 10.34640/universidademadeira2024faria





1.

Traduzi *Blood Meridian*, de Cormac McCarthy. Um bando de caçadores de escalpes desce do Texas para o território mexicano. Alguns falam espanhol. O chefe, Glanton, e o seu acólito, o juiz. E o ex-padre, Tobin. Os outros, a grande maioria, não dominam o castelhano. São o rebotalho da terra, mas chegam como conquistadores. Têm por si as armas e a predisposição para se servirem delas ao mínimo pretexto, e a sua língua hegemónica, o inglês.



É UM CUIDAR QUE GANHA EM SE PERDER



2.

Encontram um grupo de saltimbancos. De noite, à volta da fogueira, um malabarista e a mulher, a pedido de Glanton, lêem a sina dos membros do bando.

«La baraja, he said. Para adivinar la suerte.»

O ritual é complexo. Envolve a mulher com uma venda nos olhos, a escolha aleatória das cartas do *tarot*, a interpretação da mensagem nelas contida. A cena é longa e tensa, num crescendo de violência latente. Os caçadores de escalpes, armados até aos dentes, não entendem o que dizem os adivinhos. Presentem que se fala do seu destino, da sua morte. Querem perceber a todo o custo. Sentimos que, a qualquer momento, os conquistadores poderão silenciar a tiro ou à facada aquelas vozes mágicas que lhes recusam o seu significado. E tudo se passa de noite, à hora dos gestos violentos.





3.

Blood Meridian foi publicado em 1985. Cormac McCarthy não traduziu as falas em espanhol, não as realçou em itálico, sequer. Tratou-se de uma escolha deliberada, sem dúvida.

«Shut her up, said Glanton.

La carroza, la carroza, cried the beldam. Invertido. Carta de guerra, de venganza. La ví sin ruedas sobre un rio obscuro...»

Num mundo em que não havia Internet nem telemóveis com tradutor pronto-a-usar, o leitor americano sentia-se na pele dos caçadores de escalpes. Perdido, vulnerável, acossado como um invasor que presente a fragilidade da sua força bruta ante a resistência obstinada e insidiosa dos fracos.





É UM CUIDAR QUE GANHA EM SE PERDER



4.

Identifiquei na minha tradução uma perda inevitável. O tradutor é um contabilista obsessivo, sempre a compilar listas de deve e haver. Porém, ao invés do contabilista no sentido próprio do termo, para quem há qualquer coisa de gratificante no saldo positivo nas contas da empresa, o tradutor procura o impossível: o saldo zero. O problema residia no seguinte: o leitor português, ao contrário do leitor anglo-saxónico médio, entende razoavelmente o espanhol. As semelhanças entre o português e o espanhol são tão grandes, aliás, que há vocábulos com grafia idêntica, mas significado divergente, forçando-me, para evitar equívocos (mais entradas na coluna do «deve»...), a assinalar a itálico as falas e termos em espanhol presentes no original de Cormac McCarthy. A famosa equivalência funcional, a ambição de produzir nos leitores da tradução o mesmo efeito alcançado pelo texto original nos leitores da língua de partida, estava irremediavelmente comprometida por esta circunstância. E se cada perda deve ser compensada por um ganho, para que o saldo final seja nulo, onde residia o ganho na minha tradução?

«Calem-na, ordenou Glanton.

La carroza, la carroza, gritou a megera. Invertido. Carta de guerra, de venganza. La ví sin ruedas sobre un río obscuro...»



**5.**

Percebi mais tarde que, como não podia deixar de ser, o ganho existia. Era subtil, mas decisivo. É impossível resistir abertamente à força bruta dos caçadores de escalpes, mas é possível miná-la com recurso ao poder subterrâneo, a um tempo telúrico e astral, da língua do invadido. O leitor português da minha tradução, entendendo o espanhol, vê-se transferido, quase sem dar por isso, de um campo para outro. Já não é o invasor, o detentor do monopólio da violência, passou a ser o invadido, o portador de um segredo que se abstém de partilhar. A equivalência funcional transmuta-se em simetria funcional. E isto acontece com a força avassaladora das verdadeiras revoluções: sem que, num primeiro momento, tradutor e leitores dêem por isso. O saldo não é zero, porque nunca é zero, e nem convém que o seja. As contas certas não são coisa de seres humanos. Mas há perdas e ganhos, e encontramos-nos algures a meio caminho, invasores e invadidos, para trocarmos umas impressões antes que rebente a violência.

Julho de 2023